

Walter Rodney: intelectual socialista e historiador da África

Iuri Cavlak¹

Resumo: O objetivo deste artigo é sinalizar alguns aspectos relevantes da vida e da obra de Walter Rodney, um dos mais importantes intelectuais do continente. Nascido na Guiana Inglesa, Rodney estudou história na Jamaica, doutorou-se também em História na Inglaterra, lecionou na Tanzânia e desenvolveu importante militância na segunda metade dos anos 1970 na Guiana independente. Para além disso, escreveu livros seminais, importantes tanto do ponto de vista acadêmico quanto das lutas sociais. Assim, utilizando de informações de arquivo, delimito alguns fatos importantes da sua vida, conjugando com a situação política dos países em que passou. Analiso sua obra mais importante, *Como a Europa Subdesenvolveu a África*, para finalmente refletir sobre seu engajamento político em três continentes.

Palavras-Chave: Intelectual, Engajamento, Socialismo.

Walter Rodney: socialist intellectual and historian of Africa

Abstract: This article aims at highlighting some relevant aspects from life and work of Walter Rodney, one of the most important intellectuals in the continent. Born in Guyana, Rodney studied history in Jamaica, achieved his history doctorate degree in England, taught in Tanzania, and developed important militancy in the second half of the 70s in the independent Guiana. In addition, he wrote seminal books, important from an academic point of view and from social struggles as well. Thus, using archival information, I outline some important facts of his life, in conjunction with the political situation of the countries in which he passed. I analyze his most important work, *How Europe Underdeveloped Africa*, to finally reflect on his Marxist his political engagement on three continents.

Keywords: Intellectual, Engagement, Socialism.

Artigo recebido em: 26/01/2021

Artigo aprovado para publicação em: 18/05/2021

¹ Doutor em História pela Unesp de Assis (2010). Professor do Departamento de História da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). Pesquisa: "A Formação Histórica do Norte da América do Sul: política, economia e fronteiras". Email: i.cavlak@unifesp.br.

Introdução

A Guiana é o segundo país mais novo da América do Sul, embora não pertença *tout court* à chamada América Latina, já que sua língua oficial é o inglês. De colonização holandesa, passou para soberania inglesa no início do século XIX, naquele momento configurada enquanto três colônias dissociadas, *Berbice*, *Demerara* e *Essequibo*.

A partir de 1831, foi unificada como Guiana Inglesa, no bojo do movimento abolicionista nas colônias britânicas no Caribe. Uma extraordinária revolta negra em *Demerara*, em 1823, brilhantemente estudada por Emilia Viotti da Costa, certamente contribuiu para a aceleração desse desfecho (COSTA, 2008). Em 1834, foi instaurado um sistema de aprendizado, com a escravidão sendo mantida até a maioridade do escravo. Com o fracasso dessa prática, a abolição total ocorreu em 1838.

A partir de então, a colônia se povoou com imigrantes contratados, sobretudo indianos, que logo assumiram o papel dos negros na produção de açúcar, e portugueses, que passaram a cuidar do comércio. Os ex-escravos africanos, em sua maioria, passaram a trabalhar na mineração ou foram para a zona urbana, tornando-se o proletariado local.

No século XX, seguindo influências do movimento sindical inglês, a Guiana Inglesa protagonizou importantes lutas sociais. Em 1950, formou um dos maiores partidos políticos multiétnicos do Ocidente, o PPP (*People's Progressive Party*), de inspiração marxista e com ideário político socialista.

Diante disso, uma verdadeira intervenção norte-americana ocorreu no início dos anos 1960, desarticulando essa força e pavimentando a independência sob a égide de uma administração alinhada. Assim se fortaleceu o PNC (*Peoples's National Congress*), de maioria afrodescendente que se afastara naquele momento das referências socialistas e reforçara a ideia de soberania étnica dos negros em relação aos indianos e outras minorias (RABE, 2005). Nesse sentido, processou-se a independência política da Guiana, em maio de 1966 (depois desta, viria a do Suriname, em novembro de 1975, a última no continente até os dias de hoje).

O país independente teve uma primeira fase de ajustes com os Estados Unidos, recebimento de fundos da Aliança para o Progresso e a inserção na Comunidade Britânica das Nações (*Commonwealth*). Porém, o líder do PNC e então primeiro ministro, Forbes

Burnham, advogado negro formado em Londres, desenvolveu uma série de atritos com os organismos internacionais, ao passo que percebeu a resiliência do movimento socialista interno. Em fevereiro de 1970, rompeu vários compromissos diplomáticos e inaugurou a chamada República Cooperativa da Guiana, reivindicando o socialismo cooperativista enquanto ideologia oficial do Estado, um estágio que se entendia mais avançado que o próprio socialismo real. Nacionalizou em parte alguns setores da economia e passou a cultivar relações com países do leste europeu, União Soviética e Cuba. Tornou-se um dos membros mais importantes do “Movimento Dos Países Não Alinhados”.

Concomitantemente a essa mudança de regime, o PPP, então maior partido da oposição, cristalizou sua identidade igualmente na esquerda, desenvolvendo fortes vínculos com Moscou e assumindo na prática o papel de partido comunista local. Uma conjuntura *sui generis*, com situação e oposição ambas no espectro socialista em plena guerra fria.

Com efeito, nesse contexto foi que se desenvolveu a militância e a obra de Walter Rodney, um dos maiores historiadores da segunda metade do século XX. Nascido em Georgetown, em 1942, se destacou desde cedo nos estudos, tendo se graduado em História pela *West Indies University* (WIU), campus da Jamaica, em 1962. Premiado pelas notas altas e aplicação nos estudos, partiu diretamente para o doutorado na Inglaterra, obtendo esse grau em 1966, na área de estudos Orientais e Africanos, na *London University*.

Passando pela Jamaica e Tanzânia, conseguiu retornar à Guiana em 1974, seguindo brilhante carreira como historiador e também se aprofundando na militância no movimento negro e marxista, ao liderar o WPA (*Workers People Alliance*). Com crescimento no cenário político guianês, abriu uma alternativa radical entre a polarização do PNC e do PPP. Em 1979, o WPA tornou-se um partido político. Um ano depois, Rodney foi assassinado, atentado que não obstante até os dias atuais permanece sem solução.

Walter Rodney, com sólida formação marxista e notória militância social, pode ser associado a uma geração de outros brilhantes pensadores caribenhos que seguiram essa sinergia, como Eric Williams e CR James, de Trinidad e Tobago, Stuart Hall, da Jamaica,

Frantz Fanon da Martinica. Williams escreveu seu clássico “Capitalismo e Escravidão” em 1944, tornando-se primeiro ministro de Trinidad e Tobago em 1956, até sua morte em 1981. James publicou “Os Jacobinos Negros” em 1938, e seguiu com uma importante militância trotskista ao longo de sua vida. Fanon publicou seu clássico “Os Condenados da Terra” em 1961, ano da sua morte, com sua vida marcada pela militância em favor da descolonização. Hall foi um dos fundadores da *New Left Review*, com destacada presença na vida cultural britânica.

Morto aos 38 anos, o autor certamente desenvolveria mais pesquisas e teria alcançado uma influência amplificada na política e na cultura se tivesse a vida estendida.

Neste artigo, pretendo fazer um recorte para melhor perscrutar a vida e a obra desse intelectual guianês. Pouco conhecido no Brasil, entendo ser de suma importância uma abordagem acadêmica, ainda que introdutória, da sua obra e militância. Daí o caráter deste artigo, mais de apresentação que de avanço propriamente de novas hipóteses. Ângela Davies, intelectual norte-americana ligada ao movimento negro e socialista, destacou recentemente a necessidade desse tipo de trabalho (DAVIES, 2019), bem como Kwesi Ta Fari, um dos poucos intelectuais brasileiros a desenvolver estudo sobre o autor (FARI, 2015).

Na primeira parte, problematizo sua biografia e atuação política por meio dos registros contidos no *Walter Rodney's Archives*, baseado no Centro Robert W. Woodruff, da Universidade de Atlanta. Atualmente disponível apenas para consulta *online*, esses documentos permitem um panorama da atuação pública de Rodney. Num segundo momento, faço uma análise do livro mais famoso do autor: “Como a Europa Subdesenvolveu a África”. Publicado em 1972, é um dos estudos pioneiros sobre História da África, numa perspectiva marxista e apontando para soluções práticas no sentido de combate ao atraso econômico e político do continente. Isto é, uma obra acadêmica, de divulgação e de municiamento das lutas sociais ao mesmo tempo. Por meio da análise pormenorizada dessa obra, pretendo vislumbrar questões sobre a formação ideológica do autor e sua capacidade de análise e escrita, tendo em vista um objeto amplo, o continente africano, e um recorte de longa duração, do século XV ao século XX.

Optei por deixar no original em inglês as citações diretas do arquivo e os registros de Rodney contidos em textos de outros autores. Traduzi para o português os artigos em inglês de comentadores da obra e da trajetória de Walter Rodney.

Vida e obra

Walter Antony Rodney nasceu em Georgetown, capital da então colônia britânica da Guiana Inglesa, em 23 de março de 1942. O segundo de seis filhos de um costureiro e de uma dona de casa, que eventualmente também trabalhava no ramo da alfaiataria (RODNEY'S ARCHIVE).

Seu pai, Percival Edward, se envolveu na formação do *People's Progressive Party* (PPP), oficialmente fundado em 1950, fruto da unificação no pós-guerra de vários sindicatos multiétnicos. De acordo com Stephen Rabe, “a plataforma do PPP clamava pela construção de uma nação independente nos princípios do socialismo. A liderança do partido refletia a natureza multirracial da sociedade colonial. Negros e indianos dividiam os principais postos” (RABE, 2005, p. 27). Rodney, então criança, distribuía jornais e volantes do partido nas casas e nas praças em Georgetown (NANGWAYA, 2016).

Por conta das suas excelentes notas, Rodney conseguiu uma bolsa de estudos para cursar o ensino secundário na mais prestigiada instituição de ensino na colônia de então, o *Queens College*. Nos anos 1950, articulou o ensino formal do colégio com a formação política de casa.

Essa década foi saturada de tensões. Em 1953, o jovem PPP ganhou as eleições parlamentares, surpreendendo a administração colonial britânica. A Guiana Inglesa era produtora de arroz, bauxita e madeira, por meio do monopólio de empresas norte-americanas e canadenses. Nos serviços públicos, como professores e policiais, predominavam os afro-guianeses, no comércio, os descendentes portugueses, enquanto a maioria de indo-guianeses se espalhava pelas outras atividades.

A Inglaterra, sob hegemonia dos conservadores, e os Estados Unidos, então sob governo republicano, fortemente anticomunista, forjaram juntos uma intervenção na colônia, ocorrida em abril de 1953. Tropas britânicas, com apoio norte-americano,

aportaram em Georgetown, cancelando o resultado eleitoral e suspendendo a constituição. Vários líderes do PPP foram presos (RABE, 2005, p. 42).

Passada essa primeira batalha, o PPP se reconstituiu, gerando uma nova forma de intervenção conservadora do poder anglo- norte-americano. A partir da AFL – CIO (*American Federation of Labour e Congress of Industrial Organizations*), vários quadros desembarcaram na Guiana Inglesa, com recursos materiais e financeiros no sentido de direcionar os sindicatos da colônia contra o socialismo, isso tudo se utilizando de uma parceria legal com os sindicatos locais, envolvendo apoio logístico e cursos de formação. Os militantes chegados dos EUA, articulados a algumas lideranças de Georgetown, apoiaram um racha na cúpula do PPP. A partir de 1958, surgiu o *People's National Congress* (PNC), baseado fortemente numa divisão racial em detrimento da união étnica então predominante. Enquanto os cortadores de cana, indianos, permaneceram apoiando o PPP, os sindicatos urbanos, de maioria negra, passaram para a órbita do PNC (RABE, 2005, p. 53).

Doravante, as lutas sociais se aprofundaram, articulando problemas como independência política, desenvolvimento econômico, raça e classe social. Em 1959, Rodney conquistou nova bolsa de estudos por conta de ótimo desempenho acadêmico. Partiu para a Jamaica, para cursar História na *West Indie University* (WIU), campus de Mona.

A Jamaica à época passava igualmente por importantes transformações. Colônia britânica, adentrou na Federação das Índias Ocidentais em 1958, instituição que vislumbrava controlar a transição das ilhas para graus potencializados de soberania. Caminho que se mostrou falho e aumentou o descontentamento social. Junto com Trinidad e Tobago, a Jamaica abandonou a federação em 1961. Em 31 de maio de 1962, tornou-se a primeira colônia britânica no Caribe a conquistar sua independência política (D'AGOSTINHO e HILMAN, 2009, p. 107). Rodney então estava no penúltimo ano de graduação em História na independência jamaicana.

Em 1963, Rodney se formou como primeiro da turma, recebendo outra bolsa de estudos, então para a Universidade de Londres, onde iniciou o doutorado na Escola de Estudos Orientais e Africanos. Entre 1964 e 1966, participou de um grupo de estudos sob liderança de CR James, já famoso intelectual marxista de Trinidad e Tobago, que havia

publicado o seminal *Os Jacobinos Negros: Toussaint L'Overture e a Revolução de São Domingos*, em 1938 (JAMES, 2000). Também desenvolveu militância a favor dos movimentos de descolonização, se acercando aos comunistas ingleses e internacionais radicados na Inglaterra (RODNEY'S ARCHIVE).

Em 1966, com apenas 24 anos, Walter Rodney defendeu o doutorado em História da África, com a tese intitulada: *A History for the Upper Guinea Coast (1545-1800)*. Sua tese seria publicada em 1970.

Conhecido cada vez mais mundo afora, o então Dr. Rodney recebeu um convite para lecionar na Tanzânia, país africano recém independente da Inglaterra. Sob a presidência de Julius Nyerere, a jovem república desenvolvia uma política socialista, levando em conta as alianças tribais e problemas linguísticos. Rodney permaneceu ali de 1966 até 1968, quando foi contratado pela sua universidade de origem, a WIU, onde pode assumir a cadeira de História Africana. (RODNEY'S ARCHIVE).

Problema que, naquela altura, a Jamaica era governada pelo primeiro ministro Donald Sangster, expressão de uma elite cada vez mais assustada com as greves e contestações sociais. O país passou a vivenciar uma efervescência social, sobretudo com o fortalecimento do movimento rastafari, de forte cunho pan-africanista. Rodney, logo ao chegar, liderou comícios, grupos de estudos, palestras e *meetings* ligados nesse sentido. Em outubro de 1968, viajou para Montreal para participar da Primeira Conferência de Escritores Negros, ocorrida no bojo do movimento negro de imigrantes caribenhos no Canadá. Teve uma intervenção importante num evento de grandes proporções, atmosfera sobremaneira radicalizada após o assassinato de Martin Luther King Jr, meses antes, e as rebeliões estudantis na França e nos EUA. (RODNEY'S ARCHIVE).

Ao voltar para a Jamaica, Rodney teve sua entrada proibida pelo governo:

This action incited student demonstrations that led to the closing of the University for two weeks. Unrest spread to the community and the protest broadened to encompass discontent about conditions in Jamaica, ultimately resulting in riots in Kingston and forced extensive debates in the Jamaican Parliament. Several people were killed, numerous injured and millions of dollars in property was destroyed (RODNEY'S ARCHIVE).

Proibida sua estadia na Jamaica, novamente foi convidado para lecionar na Tanzânia, no governo de Nyerere, mudando-se com toda a família. Dessa feita, ficou até 1974, desenvolvendo cada vez mais suas pesquisas sobre história da África de um ponto de vista marxista. É dessa época a escrita e publicação de sua obra prima, “Como a Europa Subdesenvolveu a África”, que analisarei adiante.

A oportunidade de retornar a seu país apareceu quando recebeu um convite para chefiar o Departamento de História da Universidade da Guiana. Em 1974, retornou para Georgetown, sua cidade natal, e ao país que, ao deixá-lo em 1959 para fazer a graduação de história, ainda era uma colônia britânica politicamente convulsionada.

Naquele momento, a República Cooperativa da Guiana solidificava laços com os países socialistas, externamente, enquanto que internamente se dividia entre dois partidos de esquerda, um socialista, PNC, outro comunista, PPP, como já foi dito. Não obstante, poucos meses após assumir seu cargo, Rodney teve seu contrato rescindido por ordem do governo Burnham:

Threatened by Rodney’s popular appeal and radical revolutionary ideas, the government sought to silence him by depriving him and his wife Patricia the opportunity to earn a living. Undaunted, Rodney continued his work: speaking at public meetings, organizing workers and the community, researching and writing, and lecturing in the United States, Canada, the Caribbean, Europe, and Africa. (RODNEY’S ARCHIVE).

Proibido de lecionar, Rodney aprofundou ainda mais suas pesquisas, escrevendo outro livro marcante, a *History of the Guyanese Working Class People 1881-1905*, publicado postumamente, em 1981.

Sobre essa volta à Guiana, CRL James comentou que Rodney, naquela altura, era o único intelectual e militante que lograva realizar de fato a ligação do movimento pan-africanista entre a África, os EUA e a América. Tinha raízes profundas na primeira, seus escritos eram lidos e divulgados no segundo e havia nascido na terceira (HILL, 2015, p. 136).

Concomitantemente ao trabalho de pesquisa, Rodney militou no *Workers People Alliance* (WPA), um movimento radical criado em 1974, e que tornar-se-ia um partido político em 1979. De acordo com Campbell, o WPA era uma surpreendente resultante da unificação de quatro grupos de esquerda: a) Associação Africana de Relações Culturais

com a África Independente, b) Associação Política Indiana Revolucionária, c) Partido da Vanguarda do Povo Trabalhador, d) Grupo Rattton de funcionários, alunos e professores da Universidade da Guiana (CAMPBELL, 1981, p. 49). Também fazia parte importante quadros saídos do PPP. Nesse sentido:

The WPA organized and supported mass demonstrations, pickets, and worker's strikes. The government lashed back with intimidation tactics and harassment, and many opposition leaders and their supporters were beaten, arrested, kidnapped and some murdered. As the situation deteriorated and became ever more dangerous, Dr. Rodney's international colleagues and friends appealed to him to leave Guyana. However, he remained steadfast in his commitment to stay in Guyana and fight for justice with his countrymen. On July 11, 1979, Walter Rodney and seven others were charged with arson in the burning of two government office buildings. Mass rallies were organized in support of the accused. (RODNEY'S ARCHIVE).

O julgamento teve início em junho de 1980, mas foi interrompido, a pedido do governo, por dois meses. Nesse ínterim, numa manifestação de rua na capital, no dia 13 de junho, Rodney sofreu um atentado a bomba que ceifou sua vida. Uma comoção mundial seguiu a esse evento, com homenagens na Tanzânia, Inglaterra, Estados Unidos, Nigéria e Alemanha. Cerca de 35 mil pessoas compareceram ao seu enterro na Guiana.

Certamente, o mundo perdeu um dos melhores historiadores e ativista político de uma época.

Como a Europa Subdesenvolveu a África

O livro de Walter Rodney apareceu em 1972, na Tanzânia e Inglaterra simultaneamente, sendo publicado nos EUA em 1974. A tradução para o português se deu em 1975, a cargo da editora lisboeta Seara Nova (RODNEY, 1975).

O autor conseguiu verdadeira proeza na junção de uma escrita rigorosa, para especialistas, e ao mesmo tempo acessível ao público não acadêmico. Uma análise de um continente complexo, a África, num período de tempo estendido, entre o século XIV e o XX, com o objetivo de explicar a evolução histórica a partir do contato com os europeus. Rodney analisou a economia, política e cultura, tendo um marxismo criativo e fecundo como metodologia. Buscou sempre a totalidade dos aspectos da vida social tendo em vista as lutas, as contradições infra-africanas, infra-europeias e entre africanos e europeus, de

sorte a refletir sobre o desenvolvimento tecnológico, as relações de poder, os limites e as possibilidades advindas de encontro de sistemas sociais distintos. Ainda nos anos 1970, o livro ganhou uma versão falada, difundida entre os grupos africanos de tradição oral.² Ou seja, um livro de análise histórica profunda e também um libelo de luta pelo avanço econômico e político do continente. Uma façanha, como já foi dito.

Na obra, um pano de fundo se conforma de maneira perene, qual seja, a articulação de um pan-africanismo teórico acoplado à crise capitalista dos anos 1970, que então dava seus primeiros passos. De acordo com Immanuel Wallerstein, o livro já articulava, de maneira pioneira, a ideia de economia mundo numa angulação diacrônica, algo que só se tornaria usual uma década depois (WALLERSTEIN, 1985, p. 331).

O livro se divide em seis capítulos: 1- Algumas questões sobre desenvolvimento; 2- Como a África se desenvolveu até a chegada dos europeus. Até meados do século XV; 3- A contribuição africana para o desenvolvimento capitalista europeu. O período pré-colonial; 4- A Europa e as raízes do subdesenvolvimento africano. Até 1815; 5- O contributo da África para o desenvolvimento capitalista da Europa. O período colonial. 6 – O colonialismo como sistema para subdesenvolver a África.

Na primeira sentença do livro, à guisa de prefácio, o autor estabelece sua proposta: “O contexto desse livro é a situação da África dos nossos dias. Rebusca o passado, unicamente porque de outra forma seria impossível compreender o presente e decifrar as linhas de orientação de um futuro próximo” (RODNEY, 1975, p. 9). Aqui, se quisermos, podemos relacionar com a célebre afirmação de Marc Bloch, mormente que “toda história é a história do presente”, tanto no sentido de quem a faz mas também porque a faz (escreve) (BLOCH, 1998).

Com efeito, o problema de saída era explicar o porquê, tendo a maioria dos países africanos conquistado sua independência política nos anos 1960, seguirem com desenvolvimento econômico extremamente baixo, se comparado ao Ocidente europeu. E isso num continente com diferentes sistemas políticos e pluralidade étnica e cultural. De imediato, o militante:

Felizmente, os factos e a interpretação que se seguem contribuirão de algum modo para reforçar a convicção de que o desenvolvimento africano só se tornará realidade se se romper com o sistema capitalista internacional, o qual

² A versão falada do livro, em inglês, pode ser encontrada hoje na plataforma *youtube*.

tem sido o principal fator de subdesenvolvimento da África nestes últimos cinco séculos (RODNEY, 1975, p. 9-10).

Situa o livro como artefato político, e já se posiciona de saída a respeito do capitalismo.

Ao final do prefácio, uma advertência:

O propósito (do livro) foi mais o de alcançar africanos que desejam conhecer cada vez mais a essência (natureza) da sua exploração do que satisfazer os padrões dos nossos opressores e dos seus porta-vozes no mundo acadêmico (RODNEY, 1975, p. 10).

Segue então com uma discussão sobre o conceito de desenvolvimento, que, do ponto de vista econômico, poderia ser medido de acordo com o grau de controle da natureza. Quanto maior o controle, maior desenvolvimento econômico e *vice-versa*. A contradição repousaria no fato de que o domínio da natureza por parte da humanidade ter começado paradoxalmente na África, no chamado período pré-histórico. Porém, com o passar dos milênios, maior domínio da natureza resultaria maior coerção entre os próprios homens, com o surgimento e o aperfeiçoamento do excedente social. A África teria se recusado a seguir esse caminho, optando pela manutenção de uma sociedade mais igualitária em detrimento do maior domínio da natureza e entre os homens. Caminho que o autor sugere ter tomado os povos que compoariam a Europa. Dentro de um processo secular de mudanças materiais e culturais, os povos africanos haveriam se organizado de maneira a fomentar o igualitarismo, descartando conseqüentemente a intensidade do trabalho e da exploração do meio ambiente.

Isto é, haveria maior desenvolvimento humano, na África, ao passo que haveria maior desenvolvimento econômico na Europa. A partir daí, temos o quadro para discutir o que é subdesenvolvimento. Para o autor, exatamente por ter ocorrido um desbalanço na história, os povos de maior desenvolvimento econômico puderam, num determinado momento, avançar sobre os de menor desenvolvimento e os esmagar. O que teria ocorrido a partir do século XV entre Europa e África, iniciando o círculo vicioso de aumento de riqueza material de um lado e aumento da pobreza material de outro.

Assim sendo, os motivos do subdesenvolvimento econômico africano estariam localizados externamente, na invasão europeia e na conseqüente drenagem de suas

riquezas nesse processo. O nome seria colonialismo, que, por um lado, estabeleceria uma dominação política e, por outro, abastardaria o desenvolvimento econômico e humano.

Nessa altura da argumentação, Rodney chama atenção para o papel das elites locais, que aproveitariam para dinamizar sua dominação interna multiplicando a separação material entre elas e seu povo. Aceitariam perder suas riquezas para povos estrangeiros em troca de um fortalecimento e de maior bem-estar entre elas.

Com efeito, Rodney busca a reconstituição do passado histórico de ambos os continentes antes do encontro no século XV. Outra grande diferença se assentaria na separação, ocorrida apenas na Europa, entre a religião, a ciência e a política, como uma técnica de aperfeiçoamento de dominação do homem pelo homem. Com a ciência autônoma, haveria uma galvanização tecnológica. Com a política, um aperfeiçoamento no gerenciamento social. Na África, tudo permaneceria interligado, sendo os clãs familiares responsáveis por todas essas três esferas.

Como tratar-se-ia de comunidades pré-modernas, a terra seria o elemento central de desenvolvimento. Enquanto a Europa “profissionalizou” a agricultura, no bojo do feudalismo, a África permaneceu “amadora”, com menos intensidade no trato da agricultura e, conseqüentemente, menor excedente (RODNEY, 1975, p. 61). Isso teria levado ao menor crescimento populacional, portanto nenhum acicate para expansão territorial ao estilo das grandes navegações. No século XV, a África estaria proporcionalmente menos povoada que a Europa.

Rodney caracteriza os mais importantes estados africanos antes da chegada dos europeus: Egito, Etiópia, Núbia, Magrebe, Sudão Ocidental, Interlagos e Zimbábue.

Após o século XV, haveria destaque para os reinos do Daomé, Congo, Yoruba, Interlacustres e Zuzulandia. O primeiro teria sido o mais escravagista de todos, especialista na guerra e na conquista de territórios vizinhos, espécie de Esparta africana. Daí a importante discussão sobre o estatuto do escravo na África. Para o autor, dado o baixo nível tecnológico de todos os reinos e estados, a exploração se daria num nível diferente, muito menor se comparada à escravidão atlântica europeia. O escravo, conquistado por meio de guerra, logo seria absorvido pela sociedade que o escravizou, o tornando um igual ao longo das gerações.

Com a necessidade europeia desse tipo de mão-de-obra para as colônias na América, alguns estados africanos se especializariam na captura e entrega dos seus inimigos, não mais escravizados internamente, senão trocados por utensílios e armas de fogo. O aprofundamento dessa prática seria catastrófico no médio e longo prazos, pois sangraria a população africana de seus melhores braços, além de deturpar o desenvolvimento interno de alguns estados, que progressivamente abandonaram a produção para viver da prática de captura e venda de seres humanos. Com agricultura e desenvolvimento técnico estancado, a África adentraria o século XIX, chamado século do imperialismo, extremamente fragilizada, presa fácil para as nações europeias.

A conquista das riquezas africanas ajudaria a galvanizar a revolução industrial na Europa, que, por sua vez, aprofundaria o fosso econômico entre ambos os continentes. A Europa extrairia as matérias primas africanas, por preços módicos, e em troca despacharia produtos manufaturados caros, incrementando o processo de retirada de valor. Na venda destes últimos, Rodney destaca o fato de tratar-se de produtos de segunda linha, mormente aqueles sem mercado na própria Europa e nos Estados Unidos.

A ideologia do racismo, codificada no “fardo do homem branco”, seria o reforço necessário para justificar a manutenção de todo o sistema.³ Relevante para convencer as camadas médias e mesmo os setores das classes trabalhadoras da Europa, que suportaram, ou ao menos não se revoltaram contra a exploração da África. Inclusive para manter a coesão de uma elite burocrática europeia no continente.

O autor destaca o fato de que, no período da revolução industrial, a partilha da África foi aprofundada, incrementando progressivamente o desenvolvimento tecnológico europeu. Nos anos 1960 no século XX, com as independências políticas africanas, a Europa já se encontrava de posse do poder atômico, ao passo que a África seguia virtualmente desprovida de tecnologia própria.

Nesse aspecto, interessante destacar dois argumentos: 1) a Europa consegue diversificar seu parque tecnológico por conta da demanda causada pelas riquezas africanas, ou seja, desenvolve idealmente e depois coloca em prática grandes navios de

³ “The White Man’s Burden” foi publicado pelo poeta inglês Rudyard Kipling, em 1898. Trata-se de um poema que se tornou bastante popular na época, contendo críticas, mas também louvações à expansão colonial do Ocidente. O objeto mais imediato da obra era a ocupação norte americana das Filipinas.

carga, contêineres, petroleiros, uma cadeia produtiva que não viria a luz não fosse o colonialismo, 2) ganha em escala estrondosa a mistura de matérias primas até então separadas pelo planeta. Exemplo, casa o minério de ferro do Brasil com o manganês da Rodésia do Sul e com isso produz ligas capazes de suportar o calor de sorte a constituírem turbinas de avião. (RODNEY, 1975, p. 251). Com o avanço do tempo, mais dilatado se tornaria o fosso entre Europa e África.

No que tange a política, a Europa se utilizaria de soldados africanos para as guerras, desenhando fronteiras artificiais na concretização de protetorados e Estados africanos títeres. Separaria povos secularmente amigos e aglomeraria outros desconhecidos e sem afinidade.

Por fim, Rodney reforça a ideia de educação como possibilidade de emancipação, sugerindo que escolas em maior número poderiam contribuir para um sentimento cada vez maior de resistência africana frente aos europeus. Também chama atenção para o papel progressista, nas relações internacionais, da União Soviética, e a pertinência dos países africanos independentes em solidificarem relações com Moscou.

O objetivo do autor, ao colocar um ponto final na obra, é que o leitor se encontre municiado de relevantes informações históricas, versado no funcionamento do modo de produção capitalista, indignado com a brutal desigualdade entre os continentes e disposto a se colocar no campo da luta contra essa situação. Um livro analítico, denunciador e espécie de manifesto para a atuação política.

Rodney e a militância

Sobre sua formação, o autor nos deixou pistas importantes. Como aparece no texto de Ajamu Nangwaya:

As distinct from the many writers, poets and artists, who I think ultimately were the more important figures, there was later a small segment that went into

the university and came up in an academic environment, like C.Y. Thomas and myself. We took with us, sometimes unknowingly, a willingness to accept at least the concepts of socialism/communism/Marxism/class struggle without any a priori rejection which many of our university colleagues did have. Many of the people with whom I was training at the University of the West Indies, Jamaicans in particular, were technically as skilled as any of us, but they had this fundamental reservation about socialist and Marxist thought which I don't believe Clive Thomas and I ever shared. That was because the PPP was the only mass party in Guyana and the leadership explicitly said, "we are socialists, we are Marxists". And they were prepared to talk about creating a new anti-capitalist society based on new and different theory or perception than the one to which we were accustomed. So long before many Guyanese entered into a serious examination of what was Marxism and communism, at least it seemed to us, from what we heard the leadership of the PPP and the party saying, that whatever Marxism and socialism and these various concepts meant, they were things that could be taken seriously (Apud NANGWAYA, 2016).

Uma situação peculiar com o maior partido de oposição a esgrimir o marxismo-leninismo, por um lado, e a universidade a rechaçar essa perspectiva, por outro. Todavia, um sentimento popular de certa familiaridade – para o bem ou para o mal - com o marxismo, algo bastante interessante para aquele momento de instabilidade em alguns países da região. Jamaica, Granada, Nicarágua, El Salvador e Suriname passariam por processos políticos semelhantes, cada um com sua idiossincrasia nacional. Cuba já havia se consolidado como referência no campo.

Entendo que o autor se defrontou, sobretudo nos anos 1970, com a seguinte dualidade: especialização acadêmica e uma inserção plena na vida universitária institucionalizada, por um lado, e militância política marxista radical, por outro lado. Diante da qualidade dos seus trabalhos de pesquisa e escrita, Rodney tinha condições de lecionar em universidades britânicas e norte-americanas, bem como consolidar a carreira na Jamaica, na Guiana ou na África.

Em uma entrevista no ano de 1974, Rodney apontou uma certa missão que ele, e outros historiadores, tinham em contar uma nova história do Caribe, em razão de que, até a independência nos anos 1960, os livros em sua maioria contavam a história de um ponto de vista colonial. A independência da Jamaica, em 1962, por exemplo, com a subsequente inflação na participação política da população, demandava uma nova abordagem sobre o passado dessa sociedade (RODNEY, 1974, p. 38).

Nesse sentido, desenvolveu diretrizes para a sinergia entre pesquisa e militância, sintetizada, de acordo com Tunde Adeleke, no conceito de "guerrilha intelectual".

(ADELEKE, 2000, p. 41). Seria: 1 – o intelectual acadêmico negro, por meio da sua própria atividade pedagógica, atacar as distorções causadas pelo imperialismo das nações brancas, 2 – o intelectual acadêmico negro, para além da sua atividade pedagógica, desafiar o mito da sociedade multirracial com direitos iguais a todos, 3 – o intelectual acadêmico negro se ligar umbilicalmente aos movimentos de massa (RODNEY, 1983, p. 63). Para cumprir sobretudo com o terceiro item, era mister se manter junto ao seu povo, embora a luta sempre tivesse um caráter universal.

Devido a sua história de vida e trajetória política, optou primeiramente por um meio termo pendendo para a militância. Donde a seriedade de seus trabalhos acadêmicos e o amálgama com as experiências socialistas. Via Estado, no caso do seu período na Tanzânia, e via movimentos sociais e partidos políticos, na Jamaica e na Guiana.

Penso que Rodney amadureceu em seus últimos anos a formação prática que teve na infância e adolescência com a sólida formação universitária, conformada na participação direta nas lutas sociais de seu tempo. Não se conformou com a docência universitária, o que lhe causou problemas que o afastaram desta e o levaram a se fixar ultimamente nas lutas fora da universidade, contexto que ocasionaria sua morte.

Naquele momento, é possível identificar uma dualidade, qual seja, otimismo com a descolonização, o surgimento de várias nações independentes no terceiro mundo e o irresistível movimento negro, à época cada vez mais pujante e articulado com projetos radicais. Ao mesmo tempo, pessimismo com a crise econômica do início dos anos 1970 e a regressão econômica dos países periféricos.

Sobre seu período na Tanzânia, assim se expressou:

That was the situation in Tanzania. Briefly, it meant that we were able to teach and develop scientific socialist ideas, bearing in mind when I say “we,” I mean comrades like myself, people of like mind, because we were part of a community and that was very important. It’s extremely difficult to develop any ideas in isolation and the kind of work coming out of Dar es Salaam had a certain collective quality about it. There were perhaps only a few individuals, but nevertheless it was a community that was operating. We had a degree of freedom which was greater than that which is accorded academics in most parts of the Third World. That allowed us to pursue scientific socialist ideas within a political framework that was not necessarily supportive of those ideas, but was not repressive in any overt sense. (Apud NANGWAYA, 2016).

Uma das questões era buscar a articulação com o maior número de grupos e países possível, de sorte a contrabalançar a fragilidade individual e o isolamento.

O pan-africanismo de Rodney foi a perspectiva encontrada para a universalização da sua luta, uma seara em que tinha protagonismo e força no sentido de fazer vicejar as ideias que perpassaram suas pesquisas e mesmo sua história de vida. Pan-africanismo sempre acoplado com o socialismo e a perspectiva marxista, o que o diferenciava de outros líderes da época.

Após colaborar na universidade da Tanzânia, onde o presidente da república à época, Julius Nyerere, também tinha formação em História, Rodney buscou radicalizar o socialismo na Guiana. Países de terceiro mundo, de maioria negra e com forte presença na cultura e na política do ideário socialista. Segue sendo divulgados seus livros, palestras e alocações, ainda importantes para setores progressistas da humanidade.

Considerações Finais

Walter Rodney foi uma criação de sua época, isto é, das lutas que presenciou e vivenciou na infância, na então colonial Guiana Inglesa, na extrema aplicação escolar, que lhe valeu bolsas de estudos no colégio, na graduação em História na Jamaica e no doutorado em História da África na Inglaterra.

Por outro lado, transcendeu-a, na medida em que inspirou milhares de homens e mulheres e deixou um legado, intelectual e político, discutido no mundo até os dias atuais.

A energia revolucionária do seu estilo de vida galvanizou a qualidade das suas pesquisas e *vice versa*. Para um intelectual de um país colonial, caribenho na cultura, mas incrustrado fisicamente no subcontinente americano, a continuidade no seio das lutas pareceu crucial, ao ponto de a barreira intelectual – militante ter sido borrada constantemente.

A perspectiva de análise adotada em *Como a Europa Subdesenvolveu a África* sobreviveu ao tempo, com o livro discutido nas universidades mundo afora e na militância socialista. Walter Rodney segue vivo na memória e na construção de um futuro com menos autoritarismo e mais liberdade, sobretudo em África, Caribe e América.

Referências bibliográficas

Fontes

Walter Rodney Papers. Box 1-37. Robert W. Woodruff Library of Atlanta University Center. «Biographical Note». Acesso em 13, 15, 20, 21 e 22/10/2020.

Bibliografia

D'AGOSTINHO, Thomas e HILLMAN, Richard (ed.). *Understanding the Contemporary Caribbean*. Colorado, Lynne Rienner Publishers, 2009.

DAVIES, Angela. O Legado de Walter Rodney. *Blog Traduagindo* (acesso em 11-11-2020).

HILL, Robert. Walter Rodney and the Restatement of Pan Africanism in Theory and Practice. *Ufahamu: A Journal of African Studies*. University of California, N. 35. 2015.

NANGWAYA, Ajamu. Dr. Walter Rodney: Revolutionary intellectual, socialist, pan-africanist and historian. *Pambazuka News:voices for freedom and justice*. <https://www.pambazuka.org/pan-africanism/dr-walter-rodney-revolutionary-intellectual-socialist-pan-africanist-and-historian>. Acesso em 1-11-2020.

RABE, Stephen. *U.S Intervention in British Guiana: a cold war story*. North Caroline. North Caroline University Press, 2005.

RODNEY, Walter. *Como a Europa Subdesenvolveu a África*. Lisboa, Editora Seara Nova, 1975.

RODNEY, Walter. Interviews. *The Black Scholar*. Kingston: Vol. 6, n. 3, 1974.

RODNEY, Walter. *The Groundings With My Brothers*. Londres: Bogle-L'Ouverture Publications, 1983.

TA FARI, Kwesi. Karibu, Mwalimu Rodney: Uma introdução à vida e obra de Walter Rodney, historiador e militante pan-africanista. Texto publicado no I Congresso de História da África, Africanidade e Ancestralidade, da Universidade de Santiago. 2015. Disponível na internet sem mais referências. In: <https://deivisonnkosi.kilombagem.net.br/wp-content/uploads/2018/01/KARIBU-MWALIMU-RODNEY.pdf>. Acesso em 11-11-2020.

WALLERSTEIN, Immanuel. Walter Rodney: the historian as spokesman for historical force. *American Ethnologist Review*. Fernand Braudel Center, Binghamton, 1986.